



Aponte a câmera do celular para o QR Code e assista a uma reportagem sobre a decisão de Trump de firmar o decreto para eliminar o Departamento de Educação

Editora: Ana Paula Macedo
anapaula.df@dabr.com.br
3214-1195 • 3214-1172



ESTADOS UNIDOS

Um golpe no ensino

Ao completar dois meses de governo, Donald Trump assina ordem executiva que busca “eliminar” o Departamento de Educação. Esvaziamento da pasta começou com demissões em massa. Especialistas avaliam impactos da medida

» RODRIGO CRAVEIRO

Mandel Ngan/AFP



O republicano Donald Trump firma o documento no Salão Leste da Casa Branca, acompanhado de estudantes: promessa de campanha

Por alguns minutos, na tarde de ontem, o Salão Leste da Casa Branca foi transformado em uma sala de aula. Em carteiras escolares dispostas em semicírculo, 14 estudantes norte-americanos rabiscavam “cópias” do documento nas mãos do “professor”, sentado a uma mesa com o selo da Presidência dos Estados Unidos. Foi assim que Donald Trump cumpriu uma promessa de campanha, ao assinar a ordem executiva para “eliminar” o Departamento de Educação, projeto aplaudido pela direita ultraconservadora dos Estados Unidos. “Vamos eliminá-lo”, anunciou o presidente americano, antes de assinar o documento na Casa Branca. “Vamos fechá-lo o mais rapidamente possível.” Nunca antes na história dos EUA um presidente tentou fechar uma agência com nível de gabinete.

A assinatura do decreto ocorreu no dia em que Trump completou dois meses de um governo marcado por decisões polêmicas e surpreendentes. Em pronunciamento diante dos estudantes, de convidados e de jornalistas, o republicano defendeu a urgência de devolver o controle da educação aos estados e denunciou as notas baixas dos estudantes de escolas públicas, em comparação com os altos investimentos aplicados pelo governo sobre cada aluno. A ordem executiva de Trump é intitulada de Melhorando os resultados da educação por meio do empoderamento de pais, estados e comunidades. O desmantelamento do Departamento da Educação teve início efetivo há dez dias, quando a Casa Branca demitiu 2 mil de 4 mil funcionários.

Por meio de um comunicado, a Casa Branca informou que fechar o Departamento de Educação daria às crianças e suas famílias a “oportunidade de escapar de um sistema que está falhando com elas”. “Hoje, as notas americanas em leitura e matemática estão perto de baixas históricas. A Avaliação Nacional de Progresso Educacional deste ano mostrou que 70% dos alunos do 8º ano estavam abaixo da proficiência em leitura, e 72% estavam abaixo da proficiência em matemática. A burocracia educacional federal não está funcionando”, afirmou a nota. Por várias vezes, Trump acusou

o Departamento de Educação de doutrinar os estudantes e chamou a pasta de viveiro de “radicais, fanáticos e marxistas”.

Sem apoio

Professor de sociologia e educação da Universidade Columbia, Aaron Pallas explicou ao **Correio** que, apesar da campanha de Trump para eliminar o Departamento de Educação, somente o Congresso

A “era de ouro” colore o Salão Oval

Donald Trump prometeu uma nova “era de ouro” para os Estados Unidos. No Salão Oval da Casa Branca, pelo menos, ele cumpriu essa promessa, com uma mudança na decoração que deu destaque para os tons dourados e muitos ornamentos. O republicano enfeitou o santuário da Presidência com troféus e porta-copos dourados com seu nome, e encheu as paredes de retratos dos seus antecessores. Tudo dourado. “O presidente Trump interpreta muito bem o papel de Donald Trump”, destacou Peter Loge, diretor da escola de mídia da Universidade George Washington. “O espetáculo é o importante. Parte dele é a ostentação. Seria surpreendente se Trump não transformasse o Salão Oval em um estúdio de TV que refletisse a sua marca.” Durante o governo Biden, o Salão Oval era sóbrio, com cinco retratos ao redor da famosa lareira, incluindo um do presidente em tempos de guerra Franklin D. Roosevelt. Trump instalou nove, sem contar outros, colocados perto da sua mesa, incluindo um do republicano Ronald Reagan.

— responsável pela criação do órgão, em 1979— pode fechá-lo. “Nunca houve apoio suficiente no Legislativo para isso. O que Trump escolheu fazer foi demitir a maioria dos funcionários de carreira do Departamento”, afirmou. De acordo com o especialista, parte do que o Departamento de Educação faz depende da autorização do Congresso. “Por exemplo, o Departamento distribui cerca de US\$ 18 bilhões a cada ano para distritos escolares com alunos

Mandel Ngan/AFP



economicamente desfavorecidos e cerca de US\$ 15 bilhões anualmente para atender estudantes com deficiência. Ainda que a ordem executiva não possa eliminar os fluxos de financiamento, os servidores públicos de carreira que sabem como assegurar que os fundos cheguem aos lugares corretos não estão mais no cargo. Isso aumenta a possibilidade de ineficiência e de má gestão”, acrescentou.

Pallas afirmou que o Departamento de Educação supervisiona

US\$ 1,6 trilhão em empréstimos federais para estudantes universitários. “É possível que a agência transfira a supervisão e a administração desses fundos para o Departamento do Tesouro. Mas ainda não está propondo limitar ou cortar o financiamento estudantil”, disse James Naylor Green, historiador político da Universidade Brown (em Rhode Island), admitiu ao **Correio** que Trump não poderá extinguir o Departamento de

Eu acho...

Arquivo pessoal



“A ordem executiva é principalmente simbólica. Ela honra uma promessa de campanha de devolver o controle da educação aos estados e aos distritos escolares locais. A premissa de que o governo federal estava dizendo aos estados e aos distritos escolares sobre o que fazer é falha. O Departamento de Educação nunca ditou currículo ou métodos de instrução para escolas. Além disso, a maioria dos distritos escolares em todo o país recebe a maior parte de suas receitas de fontes estaduais e locais, não do governo federal.”

Aaron Pallas, professor de sociologia e educação da Universidade Columbia (em Nova York)

Educação. “Isso exige um decreto do Congresso. O que ele quer fazer é esvaziar a importância do ministério e demitir metade dos funcionários. Isso será um desastre para a coordenação nacional de recursos para as escolas públicas nos EUA. Ao eliminar a centralização e a canalização de recursos federais para cidades e estados, Trump limitará, de forma dramática, o sistema escolar público americano”, advertiu.

Green sublinha que Trump busca priorizar a canalização de recursos para as escolas particulares. “Há grande ameaça à situação educacional, especialmente para as classes trabalhadoras mais pobres, que dependem do auxílio do governo federal”, comentou. O especialista da Universidade Brown avalia que os ataques do presidente à diversidade, igualdade e inclusão são frutos de um sentimento racista direcionado contra as conquistadas dos movimentos dos direitos civis nos últimos 70 anos. “O argumento de que o Departamento de Educação doutrina as pessoas é uma crítica ao fato de que a entidade valoriza a diversidade da história americana. Há professores não brancos em escolas públicas. Trump quer eliminar isso”, disse Green. “É uma campanha para pôr fim a toda visibilidade a pessoas não brancas.”

ORIENTE MÉDIO

Israel amplia operação terrestre em Gaza

“Nós vivemos um genocídio, com o assassinato deliberado de mulheres, crianças e idosos. O bloqueio tem sido usado para matar de fome e humilhar a Faixa de Gaza”, desabafou ao **Correio** o palestino Abdullah Omar. Ele classificou a situação como “catastrófica, muito difícil e horrível”. “Não há eletricidade nem água potável. Também estamos sem comida, por causa do fechamento da passagem fronteiriça de Rafah, controlada por Israel. Estamos sitiados por todos os lados. Israel bombardeia inocentes e destrói nossa infraestrutura.”

Até a noite de ontem, os ataques aéreos tinham deixado 570 mortos desde a madrugada de terça-feira, quando o cessar-fogo chegou ao fim. As Forças de Defesa de Israel (IDF) ampliaram a ofensiva terrestre, em resposta ao lançamento de foguetes do grupo terrorista Hamas contra Tel Aviv. Na véspera, as tropas tinham reforçado o controle sobre o Corredor

Netzarim, cortando a Faixa de Gaza ao meio.

Morador da Cidade de Gaza, Motasem Dalloul, jornalista de 44 anos que perdeu a mulher e dois filhos na guerra, afirmou à reportagem que as forças de Israel prosseguiram com os bombardeios à Faixa de Gaza. “Os ataques se concentram na parte norte de Gaza, mas houve disparos também no sul. O Exército israelense começou as operações terrestres na área de Shabura, em Rafah (sul)”, relatou, por telefone. De acordo com ele, todos os hospitais do enclave palestino sofrem com a grave falta de insumos e equipamentos médicos. “Essas instalações também foram atingidas pelos soldados e operam com capacidade parcial.”

A israelense Yifat Fouch, 41 anos, despertou às 4h (23h de quarta-feira em Brasília), com o barulho das sirenes antiaéreas ressoando em Tel Aviv. “Houve mísseis disparados do Iêmen. O

Bashar Taleb/AFP



Palestinos recitam oração diante dos mortos, em Beit Lahia (norte)

alarme tocou por todos os lados: na região de Jerusalém, em Tel Aviv e no sul de Israel. Na manhã de hoje (ontem), tivemos novo alerta de ataque. Dois foguetes foram disparados da Faixa de Gaza, quase

no mesmo momento em que Israel iniciou as incursões por terra. Às 19h (14h em Brasília), houve mais mísseis lançados do Iêmen. Creio que a maioria deles acabou destruída antes de atravessarem a

Eu acho...

Arquivo pessoal



“A situação aqui é muito difícil. Enfrentamos uma condição climática extrema, com ventos fortes e chuvas. Cerca de 2 milhões de pessoas deslocadas internamente vivem sob tendas ou abrigadas sob o que restou de suas casas. Elas sofrem com o frio.”

Motasem Dalloul, jornalista palestino de 44 anos, morador da Cidade de Gaza

fronteira israelense”, relatou ao **Correio**, por telefone.

Philippe Lazzarini, chefe da UNRWA (agência da ONU para refugiados palestinos), lamentou à agência France-Press “um desencadeamento sem fim das provas mais desumanas”. Apesar do agravamento da crise humanitária, a Casa Branca anunciou que o presidente Donald Trump “apoia totalmente” a retomada da ofensiva militar em Gaza. Se o primeiro-ministro israelense, Benjamin Netanyahu,

segue contando com o aval de seu aliado maior, no campo doméstico, a tensão aumenta. Manifestantes se reuniram em frente à casa do premiê, em Jerusalém, para protestar contra o fracasso do cessar-fogo. Eles também denunciaram um ataque à democracia feito por Netanyahu, uma alusão ao plano de demissão de Ronen Bar, chefe do Shin Bet, a agência de segurança interna. A polícia reprimiu o ato com canhões d’água. (Rodrigo Craveiro)